

CAMINHOS DA TRANSCENDÊNCIA NAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS

Prof. Dr. Pe. Antônio S. Bogaz¹
Prof. Dr. João Henrique Hansen²

Resumo: Este ensaio trata da experiência da transcendência no âmbito do sagrado, destaca a riqueza das suas manifestações e das suas expressões nos planos temporal e espiritual bem como sua exteriorização como rito e como espetáculo.

Palavras-chave: êxtase, místico, ritual, espetáculo.

Abstract: This essay deals with the experience of the transcendence within the sacred scope, it emphasizes the richness of its manifestations and its expressions in the temporal and spiritual planes, as well as its exteriorization as a rite and as a spectacle.

Key-words: ecstasy, mystic, ritual, spectacle.

Como não refletir sobre os caminhos da transcendência na realidade humana, se o ser humano sempre volta às fontes das realidades espirituais? Quando pensávamos décadas atrás que a espiritualidade tinha sido devorada pelas correntes filosóficas e antropológicas céticas e mesmo ateístas e, silenciosamente, voltou a invadir todas as camadas da população, desde os mais acadêmicos aos mais simples. Mais ainda, como negar a força das comunidades religiosas, nas suas mais variadas manifestações, se o império da religião tomou conta de todos os espaços sociais e privados, especialmente o universo midiático? Torna-se imperativo entender o fenômeno, mesmo porque suas manifestações vão das mais simples às mais complexas, das mais puras às mais maliciosas, das mais inocentes às mais intencionais, tornando-se um patrimônio

¹ Sacerdote, professor e escritor nas ciências filosóficas e teológicas. Doutorado pelo Instituto de Liturgia Santo Anselmo (Roma) e pela Universidade de São Paulo em Filosofia. Pós-Doutor em Antropologia pela UNESP. Autor de inúmeros livros. Entre outras obras, publicou pela PAULUS: *A celebração litúrgica e seus dramas*, *Ano Litúrgico trilogia: Natal – Páscoa e Tempo Comum*, *Patrística, caminhos da tradição Cristã*, *Sinais Mistagógicos*, *Celebrar sem fé, é possível?*. Coautor dos romances: *Os sete peregrinos*, *Recomeçar surge sempre ao amanhecer* e *A praça da dádiva*, pela Editora Lafonte.

² Professor universitário e autor de várias obras. Doutor em Letras e Literatura pela Universidade São Paulo e Pós-Doutor em Antropologia pela UNESP. Docente do Centro Universitário São Camilo e autor de vários livros e artigos na área de Pastoral Litúrgica. Autor, pela PAULUS, de várias obras: *Como entender a saúde na comunicação*, *Patrística: caminhos da tradição cristã* (coautoria), *Creio na Comunhão dos Santos* entre outros. Coautor dos romances: *Os sete peregrinos*, *Recomeçar surge sempre ao amanhecer* e *A praça da dádiva*, pela Editora Lafonte. Pesquisador das manifestações religiosas e rituais da religiosidade popular. Coautoria de vídeos e livros na área de espiritualidade e ética.

importante da literatura, da economia, da vida pessoal e da vida social. Trata-se de um fenômeno que exige compreensibilidade, para ser purificado e integrado no cotidiano da organização social.

Nas manifestações antropológicas nota-se, por assim dizer, uma expressão natural da transcendência, revelando as mais variadas manifestações do sagrado no humano e vice-versa; trata-se de um encontro místico e misterioso, não fácil de reconhecer seus limites e suas possibilidades dentro do campo das ciências. Em nossos tempos, mais fortemente notamos a temporalização do espiritual e a espiritualização do temporal. Os conceitos de cultura e civilização são entendidos com distinção, para perceber como os grupos humanos vivem a cultura, como estrutura básica e a civilização, como organização social advinda do patrimônio cultural. A análise do fenômeno religioso, que se funda na ordem espiritual revela sempre mais um humanismo teocêntrico, pois a matriz espiritual dá os fundamentos da ordem religiosa e incrementa a forma cultural dos povos.

Interação entre os planos temporal e espiritual

Muitos e variados são os mecanismos ou instrumentos para efetivar o encontro entre o sagrado e o profano, entre o imanente e o transcendente. Esta busca constante e incessante é um bem constitutivo do ser humano. De tanto, para colher estas manifestações do sagrado, o ser humano, particularmente ou em comunidade, descobre meios para estas experiências místicas, através de êxtases, transe e meditações, que são espaços no espírito humano para adentrar o universo do sagrado. Muitos antropólogos, teólogos, psicólogos e filósofos e, em geral, estudiosos das ciências humanas, se debruçam sobre este dado impressionante da natureza humana. De fato, a unidade entre os planos temporal e espiritual no espírito humano propicia a unidade da ação e a harmonia humana. Estas relações são tecidas no vínculo da sociedade civil com a sociedade religiosa, de forma integradora. A recuperação da metafísica na filosofia e da mística na teologia é necessária para a unificação do ser humano, na sua incursão no mundo profano, que soma as regras do progresso e da tecnologia contemporâneas. Teoricamente, estes elementos antagônicos não são opostos, mas complementares e devem ser assumidos na sua integridade.

O conflito de ideais e concepções, geradas por interesses paralelos, faz com que a negação da espiritualidade gere um ceticismo árido e a negação da temporalidade

provoca o fanatismo religioso, ambos destrutivos do humanismo integral. Neste eixo pode estar um componente do desequilíbrio das práticas religiosas em nossa sociedade contemporânea. Se por um lado, grupos “paganizados” rejeitam e ironizam as práticas religiosas, por outro lado, multidões refugiam-se nas práticas religiosas inconstantes e exacerbadas, normalmente manipuladas por agentes e líderes religiosos que exercem cultos de representação como espetáculos nem sempre confiáveis. A dimensão mística, que pertence ao ser humano como base fundamental de sua harmonização corpo-espírito é expressa por êxtases e transes como manifestação mais profunda de sua própria fé.

Os fenômenos místicos e sua espetacularização

Como podemos notar cotidianamente nos meios de comunicação social e nos aglomerados religiosos em templos ou praças públicas, as manifestações do sagrado são excelentes amostragens dos sentimentos reprimidos do ser humano, como a angústia e a incerteza, assimiladas e dissimuladas nas práticas rituais. Normalmente estas práticas são comandadas por um alter-ego, comandante da manifestação e que viabiliza e espetaculariza os estados místicos, com seus êxtases e transes. Não se trata, absolutamente de negar a espiritualidade e a mística como elementos constitutivos do ser humano, mas entender e, eventualmente, criticar a manipulação destes sentimentos religiosos mais profundos. Em tese, podemos arriscar que é a negação e a repressão dos sentimentos religiosos que levam ao seu transbordamento desequilibrado e inconstante, como fenômenos cíclicos dentro da linha histórica da humanidade. Notamos que em certos momentos, as sociedades expõem as manifestações religiosas, como ondas de anticlericalismo ou antirreligião, mas no profundo do ser humano, ficam latentes os sentimentos que afloram em momento oportuno, quando a sociedade como um todo volta a acolher estas manifestações.

Estes grupos que se caracterizam como “novos movimentos religiosos” (assim, superar o termo “seita”, que é preconceituoso na sua origem) mais que conversão de seus membros, pela transformação da consciência, seduzem os mesmos membros pelo recrutamento. Este é o caminho para atrair novos integrantes, fanatizá-los e depois fidelizá-los. Stark e Bainbridge (2008, p. 250) afirmam: “os membros de um grupo se afiliam à sua instituição ainda que incipiente. Este processo bilateral de recrutamento/adesão chama-se afiliação”. De fato, por esta integração profano-

religiosa é possível atingir a plenitude da pessoa humana, pois a função dos ritos é relacionar o homem e Deus. Assim, Catalan (1999, p. 127) explica que “a única função dos aspectos exteriores do rito é dar significado a essa relação em obra entre o homem e Deus: é o que se convencionou chamar de eficácia simbólica do rito”. Todos estes ritos integram o ser humano a Deus e lhe dão conforto e segurança, sobretudo na adversidade e na sua mais profunda fragilidade. Isso é saudável para a natureza humana, não apenas em suas carências, mas também em suas necessidades fundamentais.

Estes rituais, bem geridos e praticados com lucidez e equilíbrio têm por finalidade buscar a plenitude da existência, a abertura ao transcendente e a elaboração de uma mística universal, capaz de unificar os povos. A plenitude antropológica e sociológica se realiza pela integração das várias dimensões do ser humano, sejam os bens temporais, valores profanos e os valores sagrados.

Mecanismos das manifestações do sagrado

Para integrar estas dimensões, os meios instrumentais passam por caminhos específicos, como a dança, jejuns, meditação e orações. Também integram estes instrumentos as roupas, os símbolos e os ambientes religiosos, tidos como espaços sagrados. Estes caminhos visam a superação dos estados de sofrimento e dor do ser humano, procurando resgatar seu espírito das trevas, do abandono e da solidão, para completar sua satisfação temporal e sua felicidade perene. Esta trajetória é maléfica ou inócua quando procura alienar os fiéis da realidade, tentando enganar a fome, a miséria e as carências por meio de espiritualismos e fanatismos religiosos. Os problemas efetivos da vida humana devem ser resolvidos e assumidos com coerência e coragem, devendo as práticas rituais, servindo-se de leituras, canções, meditação e jejuns, fortalecerem o espírito para vencer as vicissitudes do cotidiano e elevar o espírito. O sagrado é um núcleo organizador das várias concepções religiosas, é seu elemento comum. Pode ser na esfera do religioso e mesmo do secular. Este modelo do sagrado serve para todas as instituições religiosas, sejam as históricas e clássicas, sejam os novos movimentos religiosos. Otto (2007, p. 180) ensina que

desde a época da mais primitiva religião, sempre se considerou sinal tudo aquilo que conseguisse despertar o sentimento do sagrado no ser humano, estimulá-lo, fazê-lo eclodir, isto é, todos aqueles elementos e circunstâncias: o terrível, o excelso, o avassalador, o assombroso e muito especialmente o misterioso, o não entendido, o *portentum* e o *miraculum*.

Mais uma vez, as práticas religiosas, alimentadas por rituais místicos, servem para sustentar e justificar preconceitos, fanatismos e manipulação das turvas.

Estados místicos: entre emoção e razão

A temporalização e a espetacularização da ordem espiritual, em práticas religiosas exacerbadas pelo sentimentalismo e pela alienação, provocam a degeneração religiosa, levando a uma falsa imagem da fé expressa nos rituais do culto e também no catolicismo. Em todas as práticas religiosas, desde as mais primitivas, passando pelas clássicas e chegando às contemporâneas, em fase de estruturação, percebemos grande número de hierofanias, que são as manifestações das vontades e dos oráculos do sagrado. Qualquer manifestação do sagrado numa pessoa, num objeto simbólico ou nos fatos históricos torna-se objeto de culto e veneração. Esta manifestação é um imperativo categórico a priori. Conforme Otto (2007, p. 150)

o sagrado no sentido pleno da palavra é ...uma categoria composta. Ela apresenta componentes racionais e irracionais. Contra todo o sensualismo e contra todo o evolucionismo, porém é preciso afirmar com todo o rigor que em todos os aspectos se trata de uma categoria estritamente a priori.

Resgatando a profundidade da mística que se esconde nestes caminhos dos rituais, sua mística pode ser bastante positiva, pois quando a dimensão espiritual se vincula à temporal, promove a “amizade da caridade” que nos leva a reconhecer a existência do “próximo”. Mais que um elemento empírico, esta descoberta pertence ao projeto divino, ao qual o ser humano é convidado a participar.

O rito serve a este propósito, uma vez que busca unificar e vincular os setores imanentes e transcendentais da vida humana, dentro de uma celebração dita religiosa. Assim, o rito produz uma nova realidade, conjugando o universo terrestre com o que é sobrenatural. Na obra *O Homem e sua religião*, J.F. Catalan se pergunta por que esses gestos, essas movimentações, essas vestimentas, todas essas coisas exteriores tão diferentes se comparadas com a vida de todos os dias? Ele diz:

no âmago da ação ritual o que ocorre é a relação entre o sujeito humano e a realidade transcendente para a qual ele se volta. O rito não é apenas evocação, mas invocação, melhor ainda, para o fiel ele torna presente o Deus (o Ser sobrenatural) para o qual ele se volta (CATALAN 1999, p. 127).

O perigo que estas experiências de evasões sejam alienantes é concreto e constante e se denota pela efemeridade das reações. As práticas religiosas, quando profundas são mais que instantes passageiros, notados em transe ou delírios. Dentro desta grande parafernália de práticas religiosas, devemos separar o trigo do joio, pois em si todas as

experiências religiosas são válidas, mas todas podem derrapar na alienação e no fanatismo.

Manifestações do sagrado e consciência

A prática religiosa verdadeira, para realizar o bem comum e introduzir a humanidade na esfera dos bens sagrados, pode aumentar a tensão na humanidade, com a tensão aumenta a dor, com a dor o esforço do espírito e com este, a alegria espiritual. Não se trata de fazer apologia da teoria do sacrifício, presente nos cultos religiosos primitivos, mas perceber a importância da renúncia e da auto-ofereção, para atingir a perfeição das realidades temporais.

Os sacrifícios são caminhos de busca para a conquista de curas milagrosas, que no dizer de J.F. Catalan

são sempre apresentadas como milagrosas, quer se trate dos profetas do Antigo Testamento, de Jesus e de seus discípulos, dos lugares de peregrinação... Essas curas são tidas por sinais de uma intervenção divina que se dá, nos menos em certos fora das leis da natureza (CATALAN 1999, p. 137).

Assim, não é certamente a prática saudável da religião que contribui com a divisão entre os grupos humanos, mas a própria limitação humana e a divisão interior do espírito humano que provoca a divisão, muitas vezes justificada pelas práticas religiosas, como forma de coesão social. Sem as orientações e exortações das práticas religiosas, certamente a raça humana não se censuraria na prática de seus instintos destrutivos e egoístas.

As experiências variadas das práticas religiosas, na busca do caminho da transcendência atuam na história humana em vários pontos fundamentais, como anotamos:

- Em primeiro lugar, estes fenômenos rituais religiosos se integram na contemplação, que pertence à natureza humana, que dá sentido à vida humana e fundamenta a ação histórica do ser humano.
- Segue-se que esta contemplação propicia a separação e o dualismo do mundo cristão, evidenciando que a contemplação não pertence apenas aos líderes sagrados, mas à inteira sociedade humana. A experiência religiosa, protagonizada por tais líderes desenvolve a habilidade e a necessidade contemplativa do ser humano.
- Em terceiro lugar, entendemos que a superação do dualismo permite que as manifestações dos fiéis se unam na atuação solidária por uma ação comum por uma

sociedade justa e fraterna. Afinal este é um propósito primordial das manifestações religiosas coerentes.

- Em quarto lugar, espera-se que os caminhos variados das manifestações do sagrado levem à renovação da pessoa e da comunidade, sendo fermento da sociedade humana por inteiro. Estas atitudes sustentam e fecundam a ação civil.

- Por fim, as várias experiências são portadoras de uma transformação pessoal que atuam na história, para instaurar o Reino de Deus.

Transcendência e conscientização

Entre tantas práticas religiosas que banalizam, alienam e mesmo manipulam os fenômenos das manifestações do sagrado, existem verdadeiros líderes religiosos, nas várias denominações, que buscam ardorosamente servir-se destes dons humanos para transformar a história. Enquanto tantos manipulam para enriquecimento e alienação as massas humanas, tantos outros cultivam esta força para edificar uma sociedade mais justa e menos desigual. São os líderes que não sucumbem à máxima antirreligião que a coloca como “fantasia do espírito humano ou ópio das multidões”. Este reino dos espíritos é o ponto de referência dos artistas, dos sábios, dos poetas, dos verdadeiros humanistas e daqueles que clareiam as obras do pensamento humano. Sem domesticar, há que se direcionar e fecundar este “sagrado selvagem”. No dizer de Roger Bastide, de fato,

os mitos, lendas, sonhos, possessões e espiritualismos são considerados como “sagrado selvagem”, pelo fato que não são administrados ou controlados pelas instituições religiosas. São fenômenos perenes, que em tempos de crise, parecem se multiplicar e intensificar (BASTIDE, 2008, p. 252).

Mesmo inserida na vida social, a pessoa humana tem o direito, por natureza, de assumir seu destino pessoal, que concerne sua vocação religiosa. Esta vocação religiosa é regida pela força de uma instituição religiosa que, agindo em nome de Deus, dentro das estruturas humanas, pode unificar a humanidade na dimensão comum aos seres humanos, sua destinação mística e espiritual. A busca da simetria eu – tu; que corresponde à simetria relacional na sociedade, propicia a liberdade do “eu”, que agindo no plano da responsabilidade abre-se às normas e organizações sociais. A vida social é um produto comunitário da lei natural, que é uma derivação da sabedoria criadora, que se explicita como uma revelação da própria razão divina na existência humana.

Referências

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem**. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.

CATALAN, Jean-François. **O homem e sua religião. Enfoque psicológico**. São Paulo: Paulinas, 1999.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, 2007.

STARK, Rodney e BAINBRIDGE, William, S. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

Bibliografia

AMATUZZI, Mauro, M. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

CONTRERO, M. S. *Sobre os rituais midiáticos*. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 28, Dez. 2005.

COELHO, C. N. P. e CASTRO, J. V. de (orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LECOMPTE, Dênis. **Do ateísmo ao retorno da religião**. Sempre Deus São Paulo: Loyola, 2000.

MAGALHÃES, Antônio e PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do Sagrado**. Reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2008.

MENDONÇA, José, T. **A mística do instante: o tempo e a promessa** São Paulo. Paulinas: 2016.

PATIAS, J. C. O espetáculo no telejornal sensacionalista. In: COELHO, C. N. P. e CASTRO, J. V. de (orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

RIES, Julien. **O sentido do sagrado: nas culturas e nas religiões**. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

RIES, Julien. **O sagrado na história religiosa da humanidade**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ROCHA, Alessandro R. **Filosofia e religião na pós-modernidade**. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

RODRIGUES, Donizete. **O que é a religião?** A visão das Ciências Sociais. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2013.

TERRIN, A. N. **O rito:** antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.

VALLE, Edênio. **Psicologia e experiência religiosa.** São Paulo: Loyola, 1998.